

MOVIMENTO

22 — Os Amores da Pantera	Set. 77	3.676.122,00
23 — Nem as Enfermeiras Escapam	Jan. 77	3.600.565,00
24 — O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão	Dez. 77	3.495.388,00
25 — Possuídas pelo Pecado	Out. 76	3.406.423,00
26 — Como Consolar Viúvas	Nov. 76	3.071.708,00
27 — O Sexualista	Out. 76	2.964.183,00
28 — Barra Pesada	Out. 77	2.881.044,00
29 — À Flor da Pele	Nov. 76	2.825.100,00
30 — O Crime do Zé Bigorna	Ago. 77	2.814.473,00
31 — A Praia do Pecado	Out. 77	2.813.864,00
32 — Pura Como Um Anjo, Será Virgem?	Ago. 76	2.714.545,00
33 — Tenda dos Milagres	Jul. 77	2.521.646,00
34 — As Meninas Quêrem e os Coroas Podem	Set. 76	2.457.807,00
35 — Jeca Contra o Capeta	Mar. 76	2.371.642,00
36 — Carmem, A Cigana	Ago. 76	2.365.416,00
37 — 7 Mulheres para 1 Homem Só	Jan. 77	2.293.555,00
38 — As Mulheres do Sexo Violento	Nov. 76	2.284.487,00
39 — As Amantes de Um Canalha	Set. 77	2.257.149,00
40 — O Dia das Profissionais	Ago. 76	2.255.464,00
41 — Socorro, Eu não quero Morrer Virgem	Jan. 77	2.176.818,00
42 — O Mártir da Independência	Abr. 77	2.175.644,00
43 — Sabendo Usar não Vai Faltar	Nov. 76	2.155.657,00
44 — A Noite das Fêmeas	Nov. 76	2.134.567,00
45 — As Massagistas Profissionais	Jun. 76	2.111.033,00
46 — Bacalhau	Ago. 76	2.066.290,00
47 — Pastores da Noite	Ago. 77	2.032.526,00
48 — Elas São do Baralho	Set. 77	2.014.904,00
49 — O Trapalhão na Ilha do Tesouro	Jun. 75	1.878.958,00
50 — Guerra é Guerra	Nov. 76	1.825.406,00

(Pesquisa de Paulo Neves)

III SEMANA DE ACESITA

Numa promoção do Kinocks — clube de cinema de grande atividade na região do Vale do Aço (Minas Gerais) — realizou-se, em Acesita, município de Timóteo, de 2 a 9 de agosto último, a III Semana do Cinema Brasileiro, que mostrou, em sessões abertas ao público em geral, 16 novos filmes brasileiros selecionados (entre longas e curtas-metragens) e promoveu palestras e debates com convida-

dos do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, além de uma mesa-redonda sobre o curta-metragem e do Encontro dos Cineclubes de Minas Gerais.

Criado em 1970 por Gilberto Araújo e um grupo de universitários de Ipatinga, o Kinocks sempre se destacou por uma atuação decidida em favor da promoção do cinema nacional junto às escolas do Vale, organizando seminários e trabalhos de classe sobre o assunto. É o terceiro ano consecutivo em que organiza a Semana, que já entrou para o calendário cultural da re-

gião, formada por cidades industriais (Timóteo, Coronel Fabriciano, Ipatinga), onde ganhou adesão total do público, constituído em sua maioria de estudantes e operários.

As sessões eram realizadas, diariamente, num cinema comercial de Acesita (Cine Marabá), com o programa sempre obedecendo ao mesmo critério: um curta-metragem, em seguida uma palestra de quinze minutos, um filme de longa metragem e, finalmente, debate com o público. Na programação, procurou-se relacionar tematicamente os curtas e os longas, propiciando uma certa unidade a cada sessão e ao debate que se seguia.

Foram apresentados os seguintes longas-metragens: *Ladrões de Cinema*, de Fernando Coni Campos; *Tenda dos Milagres*, de Néelson Pereira dos Santos; *Mar de Rosas*, de Ana Carolina; *Doramundo*, de João Batista de Andrade; *Uma Aventura na Floresta Encantada*, de Mário Latini; *Chuvvas de Verão*, de Carlos Diegues; *Morte e Vida Severina*, de Zélio Viana; e *A Queda*, de Ruy Guerra e Néelson Xavier — todos em primeira exibição em Minas, com exceção de *Tenda dos Milagres*. E os curtas: *Cinema Brasileiro 1977*, de Marcos Farias; *Diga Ai, Bahia*, de Emiliano Ribeiro e Álvaro Freire; *Pé Direito*, de Nazaré Ohana; *Veredas Mortas*, de Victor de Almeida; *Brasil de Pedro a Pedro*, de Fernando Coni Campos; *O Último Ferreiro*, de Paulo Leite Soares; *O Nordeste Jogou a Gente Pra Cá*, de Fídias Barbosa; *Vivendo os Tombos/Carvoeiros*, de Dileny Campos. Cabe destacar que o público infantil não foi esquecido, tendo oportunidade de assistir, na matinê de domingo, ao filme de censura livre *Uma Aventura na Floresta Encantada*, juntamente com *Brasil de Pedro a Pedro*.



Palavra de Ricardo Gomes Leite, crítico do *Estado de Minas*. Ao seu lado, Miguel Pereira, crítico de *O Globo*.

A cinematografia mineira se fez presente através de representações da Associação Mineira dos Produtores Cinematográficos (AMPC) e da Federação dos Cineclubes de Minas Gerais (FCCMG), de vários críticos, diretores, produtores e técnicos (Schubert Magalhães, Ricardo Gomes Leite, Paulo Augusto Gomes, Mário Alves Coutinho, Eduardo Lacerda, Victor de Almeida, Cristiano Quintino, João Fernando Mota) e de dois documentários de curta metragem: *Veredas Mortas*, de Victor de Almeida, e *O Último Ferreiro*, de Paulo Leite Soares.

Para as palestras, foram convidados Luiz Fernando Taranto, coordenador do setor de 16mm da Embrafilme, que falou sobre *Os Filmes Brasileiros na TV*; o cineasta Fernando Coni Campos (*Cinema Brasileiro Hoje*); o crítico Miguel Pereira, também chefe do Departamento de Comunicação da PUC-RJ (*A Temática Regionalista no Cinema*); Noílton Nunes, Dileny Campos, Joatan Villela e Lúcio Aguiar, representantes da ABD, que apresentaram o tema *O Curta-Metragem e Seu Mercado*; José Carlos Avellar, crítico, cineasta e representante da Cinemateca do MAM (*Cineclubismo e Cinema Brasileiro*); e Camilo de Souza Filho, cineasta, jornalista, professor de cinema e representante da AMPC (*A Descentralização da Produção Cinematográfica*).

Luiz Fernando Taranto analisou, na sua palestra, as duas concepções básicas da produção de TV existentes no mundo ocidental: a européia e a americana.

"Na européia", disse ele, "predominam as organizações de televisão controladas pelo Estado, e esse veículo é considerado um instrumento que informa, educa e diverte. O Estado presta um serviço à comunidade,

um serviço social. Como exemplo temos a BBC (inglesa), a RAI (italiana), a ORTF (francesa) e a TV alemã. Essas organizações funcionam como centros produtores e também transmissores, possuindo um grande aparato técnico e boas instalações. É importante notar ser bastante reduzida, nesses países, a presença de produções estrangeiras, pois a própria TV tem capacidade para produzir e transmitir sua programação de filmes."

A concepção americana é bastante diferente: "Em sua maioria, são canais privados, e só nos EUA existem cerca de 900. Nessas tevês não há qualquer tipo de produção própria, a não ser telejornais, transmissões esportivas, etc. Elas são consideradas empresas transmissoras de sinais eletrônicos, e não produtoras. O mercado que constituem é abastecido com produções realizadas por empresas produtoras de seriados e de filmes de longa metragem para televisão, e essas são as mesmas produtoras que abastecem o mercado cinematográfico em geral."

Taranto frisou que a televisão é o setor mais rentável do cinema nos Estados Unidos, sendo considerado um item da maior importância na economia deste último. Quanto ao Brasil, os filmes exibidos na televisão são exatamente os que compramos dos EUA para lançamento nos cinemas: "A TV brasileira não estimula a produção de filmes no próprio país e, por conseguinte, o desenvolvimento do nosso cinema."

Fernando Coni Campos falou da situação geral do cinema brasileiro e seu esforço pela ocupação do espaço interno ao nível industrial, estético e de mercado, discutindo a questão a partir do seu próprio filme exi-

bido na semana, *Ladrões de Cinema* — um exemplo, tanto como produto em si quanto pelo tema, da luta pela afirmação de uma cinematografia caracteristicamente brasileira.

O crítico Miguel Pereira, discorrendo sobre a temática regionalista em nosso cinema, partiu de uma grande distinção inicial, que seriam os filmes de assunto urbano e de assunto rural. Descreveu estes últimos como propostas cinematográficas de caráter marcadamente crítico. Acentuou a predominância da preocupação com o Nordeste, por ser a região onde se localizam os maiores problemas, contrastes e contradições, enquanto continuam insuficientemente exploradas as regiões Norte, Centro-Oeste e extremo Sul. Outro aspecto comentado por Miguel Pereira foi a origem e formação dos realizadores que focalizam essa temática: são geralmente cineastas nascidos e educados na cidade grande, resultando disso que a ênfase dos filmes seja colocada no aspecto ideológico, de denúncia, e não na própria descrição dos problemas. Com relação aos filmes urbanos, lembrou que alguns deles prolongam a temática rural através, por exemplo, do problema da migração, mas que predomina nos argumentos a presença da burguesia. Finalizou referindo-se a uma terceira linha, que seria a da comédia urbana.

Noílton Nunes e seus companheiros da ABD fizeram um relato da situação do curta-metragem após sua introdução no mercado comercial e recapitularam seu longo passado como representante do gênero amador e do cinema cultural. Lúcio Aguiar falou especificamente sobre a questão da distribuição do curta, no Rio e em São Paulo, e sobre a reação do público.



José Carlos Avellar (crítico, ao microfone), Eduardo Lacerda (Relações Públicas da Acesita), Vera Brandão, Guido Vieira (Chefe de Gabinete da Prefeitura de Cal. Fabriciano) e Adorys de Jesus (Relações Públicas da Prefeitura de Ipatinga).

José Carlos Avellar disse em sua palestra que as relações entre o movimento cineclubista e o cinema brasileiro mudaram muito: "Há alguns anos, no Rio, os cineclubes fizeram uma revolução com a criação do *Mês do Cinema Brasileiro* e, a partir daí, com a exibição regular de filmes nacionais, seguidos de debates. Até então, as atividades cineclubistas estavam voltadas para a

apresentação e o estudo dos clássicos da cinematografia mundial."

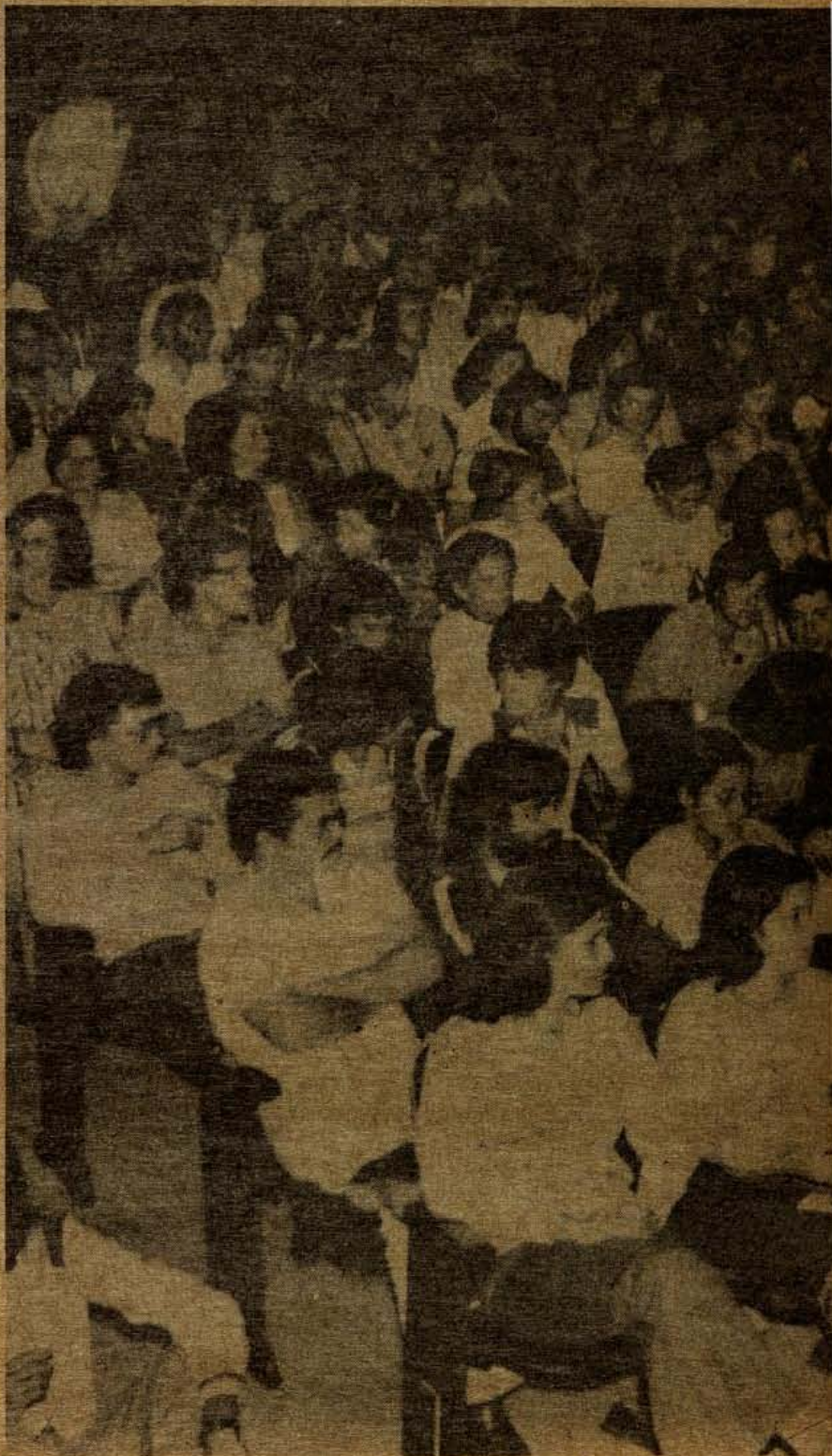
Camiló de Souza Filho, de Belo Horizonte, começou resumindo a realidade econômica do cinema brasileiro: "São os Estados mais ricos, Rio de Janeiro e São Paulo, que produzem o cinema nacional, são esses mesmos Estados que pagam os nossos filmes e é em seus cinemas

que se arrecadam as grandes rendas. Apesar disso, os demais não deixam de dar a sua contribuição, comprando com seus pequenos recursos os meios de que não dispõem (infra-estrutura para produzir) e os produtos acabados que não conseguem fazer (os filmes)." Enfatizou Souza Filho a necessidade de descentralização da produção cinematográfica, mas reconheceu que

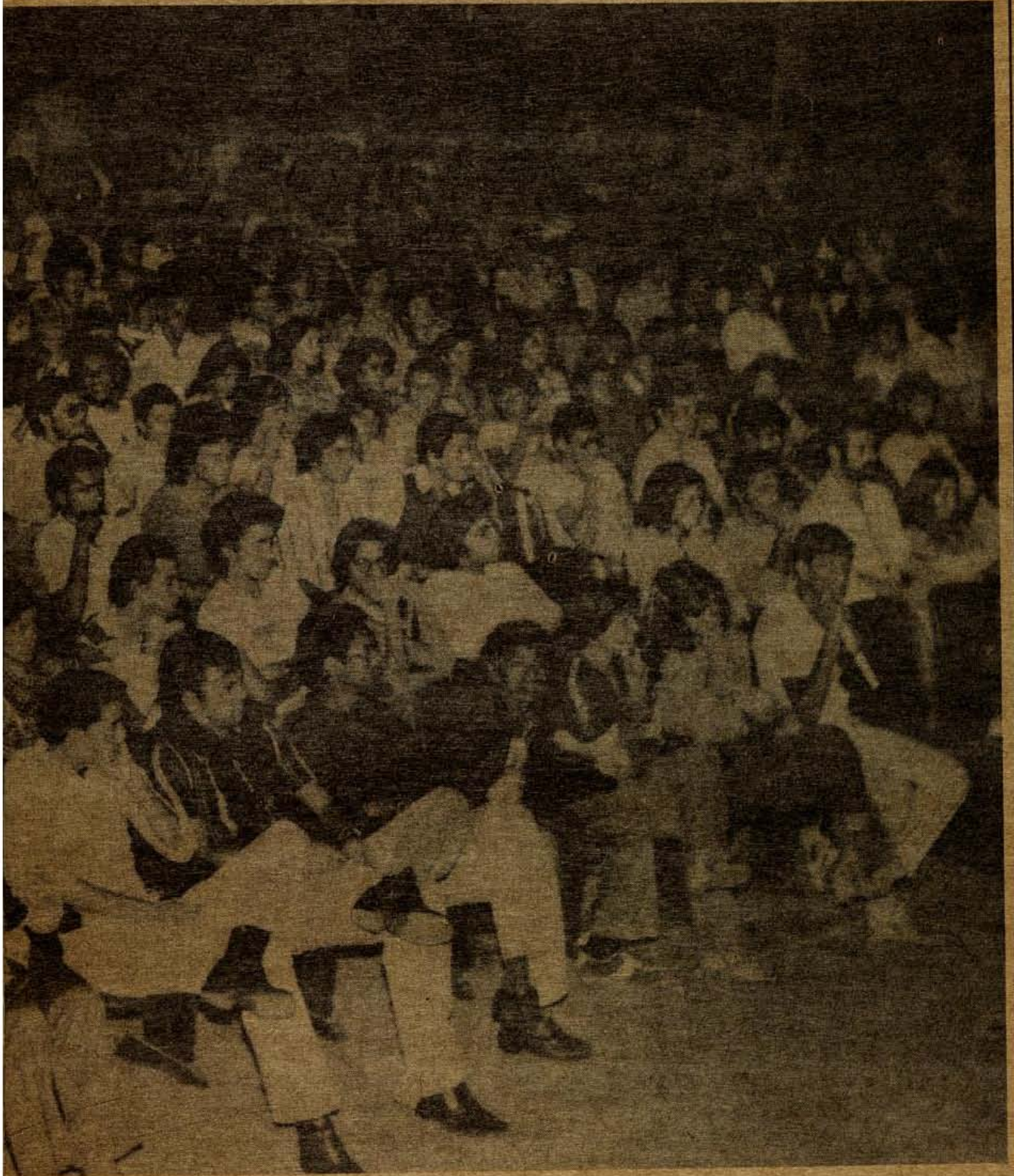
"isso só será possível a partir da desconcentração da nossa economia, da interiorização do nosso desenvolvimento, estendido a todos os estados através da aceleração do crescimento econômico das regiões mais pobres".

E acrescentou: "Isso já vem ocorrendo, embora em escala reduzida. O processo foi deflagrado por Minas Gerais, que hoje está crescendo a taxas de 11 por cento contra 5,5 por cento do resto do Brasil. Baseado nisso, Minas deve partir para se tornar o terceiro centro de produção cinematográfica do Brasil. Aliás, já está partindo, haja vista o que estamos realizando e o que temos em projeto."

Mais de cem pessoas, entre convidados locais e de outras cidades, participaram da grande mesa-redonda sobre *O Curta-Metragem e Seu Mercado, Perspectivas do Cinema Mineiro e Tendências do Cinema Brasileiro*. Os principais itens discutidos foram: as vantagens e desvantagens da distribuição do curta-metragem centralizada pela Embrafilme; a experiência de uma distribuidora independente, a Dinafilme; os perigos trazidos pela industrialização do curta (descharacterização cultural, ocupação do mercado pelos filmes produzidos por companhias distribuidoras e exibidoras); a função básica dos cineclubes e seu papel na divulgação do cinema brasileiro (exibição, promoção de debates e participação no processo criativo); a assinatura de um convênio entre a ABD e a AMPC para a obtenção de crédito e abatimento junto aos laboratórios; a ampliação da programação da Semana, no próximo ano, para incluir mostras paralelas de filmes em 16mm e Super-8, que seriam exibidos em escolas e sindicatos; a organização pela ABD e a AMPC de uma Semana do Cinema Mineiro, no



Um público predominantemente jovem lotou o Cine Marabé durante toda a Semana.





Nilton Nunes, presidente da ABD, fala na mesa-redonda sobre o curta-metragem, em Acesita, tendo ao seu lado Eduardo Lacerda, diretor independente de Minas Gerais.

Rio, e de outra da ABD, em Minas; a criação de uma cooperativa de filmes em Super-8, ligada aos cineclubes; a realização regional de cursos de cinema nos moldes dos realizados no Rio; a necessidade de uma divulgação maior, por parte dos cineclubes, de todo material referente ao curta-metragem.

No Encontro dos Cineclubes de Minas Gerais, promovido pela FCCMG, com a presença do seu presidente Manuel Villas Boas, foi realizada uma sessão plenária sobre o tema *Propostas Organizativas dos Cineclubes*.

A III Semana do Cinema Brasileiro, que prestou uma homenagem à memória de Paulo Emílio Salles Gomes, falecido no ano passado, teve o patroci-

nio da Embrafilme, Funarte, Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, Conselho Estadual de Cultura (MG), Companhia Aços Especiais Itabira (Acesita), Prefeitura Municipal de Timóteo, Prefeitura Municipal de Ipatinga e Hotel Sawan. Contou ainda com a colaboração e o apoio das seguintes entidades: AMPC, Associação Brasileira de Cineastas (ABRACI), Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Cineclubes (CNC), Associação Paulista de Cineastas (APACI), Associação Brasileira de Documentaristas (ABD), Federação de Cineclubes de Minas Gerais e R & V Executivos em Relações Públicas e Comunicação (MG).

(Vera Brandão)

VII JORNADA DE SALVADOR

Os cineastas presentes à VII Jornada Brasileira de Curta-Metragem, realizada em Salvador de 8 a 15 de setembro último, fizeram entrega ao Ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, de um documento sintetizando as principais reivindicações da classe cinematográfica quanto ao relacionamento entre o cinema e a televisão no Brasil.

Antes mesmo de receber o documento, em reunião no auditório da Associação Baiana de Imprensa, o Ministro enviara um